

BRASIL - PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjé.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão 50 — Lisboa.

1 DE MARÇO DE 1909

N.º 243

El-Rei em Villa Viçosa



D. Manuel II de Portugal, D. Affonso XIII de Hespanha, e as comitivas de SS. MM.

Da esquerda para a direita: — Conde de Figueiró, coronel Fernando Eduardo de Serpa, general del Rio, Marquez de Fayal, Conde de S. Luiz, Marquez de Torrecillo, Conde de Sabugosa, conselheiro Wenceslau de Lima, coronel Antonio Costa, coronel Charters de Azevedo e Antonio Pinto Basto (Cliché de J. Benoit).

Os reis de Portugal e de Hespanha em Villa Viçosa

BORDARAM-SE sobre essa entrevista real as mais desencontradas conjecturas e as mais estranhas versões.

Para uns, o encontro do rei de Hespanha com seu primo de Portugal foi apenas uma visita de familia, simples e affectuosa. Para outros teve essa entrevista um alto objectivo, ao mesmo tempo

Não estamos infelizmente no segredo dos deuses nem... dos paços reaes, e por isso nos não atrevemos mesmo a aventurar qual d'aquellas versões seja a verdadeira, e por isso nós limitamos a manifestar que seriam todos os nossos votos para que na terceira das versões que correram mundo existisse a verdade; que se para o casamento do rei de Portugal com uma princeza da casa de Inglaterra algum projecto existe, esse projecto se converta quanto antes, em realidade. Para a successão dynastica e para a vida politica da nação não pôde haver duas opiniões sobre as vantagens d'esse consorcio real. Ellas são tão manifestas e evidentes, que os nossos votos como os de todos os bons portuguezes, não podem ser outros. Já teve uma princeza o throno de Portugal, que foi modelo de rainhas, de esposas e de mães. Foi D. Filipa de Lencastre, uma princeza de

El-Rei em Villa Viçosa



Villa Viçosa

familiar e politico. O rei Affonso, augusto emissario do rei Eduardo, vinha conferenciar com El-Rei D. Manuel sobre o projectado casamento do monarcha portuguez com a princeza d'Edimburgo, sobrinha de S. M. Britannica. E para alguns, enfim, não era uma coisa nem outra, essa visita tinha por fim nada mais e nada menos que a realisação de uma alliança politica entre as duas nações para a hypothese de carecer qualquer d'ellas do auxilio defensivo da outra.

Inglaterra. Foi aquella exemplar educadora dos *inclitos varões*, dos filhos de D. João I, que são a honra e a gloria da Historia Portugueza. Esta razão seria bastante para desejarmos que El-Rei fosse procurar na casa de Inglaterra a sua alliança conjugal. Mas outras razões de ordem politica, de ordem nacional, primam ainda sobre aquella. A Inglaterra é a nossa velha alliada, é a poderosa nação com quem sempre na adversidade nos temos encontrado. Essa al-



Em Villa Viçosa. — A' porta do paço — Guarda de honra esperando o rei de Hespanha

Cliché de J. Bonelli.



Em Villa Viçosa. — Os dois monarchas da península
n'um dos momentos de maior intimidade em que passeavam sós

liança, firmada em tratados seculares, seria, com este regio consorcio, tão fortemente garantida e sellada, que, mais do que nunca, poderia ser considerada um solido penhor da autonomia e integridade da patria, e o mais duradouro esteio das instituições que nos regem ha cerca de nove seculos.

Fazemos votos para que essa versão se converta em realidade, e para que dentro de poucos mezes a nação portugueza celebre com jubilos e festas esse augusto consorcio.

Villa Viçosa

Villa Viçosa, onde ha pouco se encontraram os reis de Portugal e de Hespanha, é uma das mais antigas villas do reino. D. Brites, filha de Fernando IV de Castella, foi a primeira donataria de Villa Viçosa, dando-lha em dote El-Rei D. Diniz, em



Em Villa Viçosa. — El-Rei D. Manuel fardado de coronel de infantaria N.º 16 de Castella e alguns officiaes do mesmo regimento
(Cliché do J. Benoitel).



Em Villa Viçosa. — Sua Magestade a Rainha, D. Affonso XIII, El-Rei D. Manuel, Condessa de Figueiró, Marquez de Fayal, Conde de S. Luiz, Antonio Pinto Basto e um official do Regimento de Infantaria n.º 16 de Castella
(Cliché de J. Benoit).

1297, quando a dita senhora casou com o principe D. Affonso, depois rei D. Affonso IV.



Em Villa Viçosa. — Sahindo do paço para dar um passeio pelo campo — A Rainha Senhora D. Amelia dando o braço a D. Affonso XIII, e El-Rei.

D. Fernando I deu-a depois a D. Leonor Telles, em 1372, mas esta mercê não chegou a durar tres annos porque D. Fernando, achando-se em Villa Viçosa em 1375, deu a Leonor Telles Villa Real de Traz-os-Montes, rehavendo Villa Viçosa para a corôa.

O condestavel D. Nuno Alvares Pereira foi o seu terceiro donatario. A doação foi feita em 23 d'Agosto de 1385 em premio dos seus relevantes servicos prestados a D. João I.

Do santo condestavel passou depois, em 1422, a seu neto D. Fernando e andou sempre na casa de Bragança até 1834 que foi quando de facto se extinguiram os donatarios no nosso paiz — exceptuando o periodo em que a teve o infante D. Manuel em seguida à degolação do duque D. Fernando II.

Os donatarios de Villa Viçosa foram pois :

- 1.º — D. Brites ;
- 2.º — D. Leonor Telles ;
- 3.º — D. Nuno Alvares Pereira ;
- 4.º — D. Fernando I, primeiro marquez de Villa Viçosa e filho segundo do primeiro duque de Bragança ;
- 5.º — D. Fernando II ;
- 6.º — O Infante D. Manuel, duque de Beja ;



Em Villa Viçosa. — Os dois monarchas despedindo-se

- 7.º — D. Jayme, quarto duque de Bragança, por doação de El-Rei D. Manuel ;
 - 8.º — D. Theodosio I ;
 - 9.º — D. João I ;
 - 10.º — D. Theodosio II ;
 - 11.º — D. João II, como duque e IV como rei.
- Tendo este abdicado a casa de Bragança em seu filho D. Theodosio, dispondo que a dita casa fosse apanagio dos filhos primogenitos dos reis brigantinos, teve depois esta villa os seguintes donatarios :
- 12.º — D. Theodosio III ;
 - 13.º — D. Affonso VI ;
 - 14.º — D. Pedro II ;

- 15.º e 16.º — A Infanta D. Isabel e o Infante D. João, que morreu menino, ambos filhos de D. Pedro II;
 17.º — D. João V;
 18.º e 19.º — A Infanta D. Maria Barbara e o Infante D. Pedro, filhos de D. João V;
 20.º — D. José I;
 21.º — D. Maria I;
 22.º — D. José, príncipe do Brasil;
 23.º — D. João VI;
 24.º — D. Pedro IV;
 25.º — D. Miguel I.

Desde então nunca mais o provimento dos cargos publicos correu pela casa de Bragança, ainda hoje patrimonio particular dos nossos reis, que são tambem ainda hoje os primeiros proprietarios de Villa Viçosa e de todo o concelho.

Em Villa Viçosa e no largo chamado Terreiro do Paço existe o celebre paço real feito em substituição do que existia dentro dos muros do velho castello, hoje totalmente arruinado.

Foi principiado pelo duque D. Jayme em 1501 e continuado e ampliado pelos seus successores.

A sua fachada, que uma das nossas gravuras representa, é toda de marmore de Montes Claros e apresenta quatro pavimentos com os quatro estylos architectonicos.

O interior do palacio é digno de ver-se, sendo notaveis muitas das suas salas, como por exemplo a sala de Medusa e a sala dos Duques, onde estão os retratos de todos os duques de Bragança e de outros principes d'esta familia pintados a oleo.

Defronte do palacio está o quartel de cavallaria n.º 10 e a igreja dos Agostinhos onde estão sepultados os primeiros duques de Bragança.

Villa Viçosa possui muitas igrejas e conventos, tudo digno de ser visitado.

Aròmatographia ^(a)

AO DR. LUIZ DE MAGALHÃES

Se alguma vez tentasse, oh minha doce amada!
 Na tela desenhar teu nobre busto hebreu,
 Não iria pedir — bucólico Dirceu —
 A' neve, á rosa, ao lírio, a tinta delicada.

A gazella medrosa, a pomba assetinada,
 O ébano, o marfim, o sol, o azul do céu,
 Nada tinham que dar-me, ó foveiro escarceu,
 Flamma alongada em lago, onde a minh'alma nada!

Perfumes na palêta, em vez de tintas, pondo,
 Derramára o benjoim no teu seio redondo,
 N'essa bôcca a mordente escallonia e, no olhar,

A magnólia, que lembra um ant'ártico mar;
 E a rajada do sul, impregnada de aromas,
 Pintára o turbilhão das tuas negras cômas!

M. Duarte d'Almeida.

Na romagem do Absoluto

A' grande Sombra, familiar e amiga, de Anthero de Quental

I

Não sei se a paz divina que anhelavas,
 A santidade fúlgida, immortal,
 Fôste encontrá-la, acaso, onde a sonhavas,
 No regaço da Noite sepulchral...

Não sei se as almas, como a tua, escravas
 Do influxo ardente da Belleza ideal,
 Embora livres já de humanas travas,
 Se libertam jámais do ardor fatal...

Não sei, não quero mesmo investigá-lo,
 Nem m'ò digas, tão pouco, Alma robusta,
 Se é que, emfim, alcançaste devassá-lo!

Meus olhos, que a Verdade não assusta,
 Sem tremer saberiam encará-lo,
 Mas .. vela-m'os o pranto, Sombra augusta!

II

Quero encerrar-me, a sós, no pensamento,
 Contigo, como em rútilo sacrário,
 E, de joelhos, subir, pausado e lento,
 Os ásperos degraus do teu calvário.

Quero assistir ao trágico momento,
 Em que a um mundo execrado, tumultuário,
 Volveste o extremo olhar de desalento,
 Meu infantil e calmo visionário!

E, acercando-me ás pregas harmoniosas
 Do teu manto, que bordam nebulosas
 D'onde irradia um mystico pallor,

Sondar teu largo espírito profundo
 E, das rôtas entranhas d'esse mundo,
 O segrêdo arrancar da tua Dôr...

6 de outubro. 91.

III

Certo. Não vale a terra que pisâmos,
 Cemiterio de larvas sem calor,
 Arvore morta de esgalhados ramos,
 Tela poeirenta de sumida côr;

Não vale o sujo palco, onde soprâmos,
 Pela tuba de bronze atroador,
 As Vaidades que, túrgidas, passeâmos
 Na comédia do Riso ou do Rancor;

— Não vale uma só lágrima vertida
 Na funda solidão da alma descrida,
 Na viuvez dos sonhos ideaes...

Não! Forçoso é despír a argilla humana
 E, no seio da Morte ou do Nirvâna,
 VIVER, emfim, ou não sonhar jámais!

14 de outubro. 91. — Foz.

M. Duarte d'Almeida.

(a) A *quelque chose malheur est bon* — mais uma vez o repetimos. Os erros de revisão que appareceram n'estes sublimes versos de Manuel Duarte de Almeida levam-nos a publica-los de novo. De novo, portanto, terão os leitores do *Brasil-Portugal* a impressão profunda que gravam no espirito as grandes obras de arte. E são obras primas de talento, de profundidade, de fórma e de brilho, esses sonetos firmados pelo nome de um dos maiores poetas portuguezes de todos os tempos. Os que são consagrados á memoria de Anthero de Quental tem a eloquencia do sentimento e da verdade.

O soneto *Aròmatographia*, tão original e tão bello, ganhou fóros de popularidade. Quando lente da Universidade de Coimbra, citou-o com louvor o dr. Bernardino Machado numa das suas lições na cadeira de philosophia, e ainda ha pouco o dr. Bettencourt Rodrigues, o notavel medico portuguez que exerce clinica em S. Paulo (Brasil), numa conferencia publica realisada naquella cidade, fez as mais elogiosas referencias a esse soneto, que recitou, e ao poeta eminente que deu fórma tão brilhante a essa concepção originalissima.

Monumento ao marechal duque de Saldanha

Foi um acontecimento nacional a inauguração da estatua do glorioso militar.

A presença d'El-Rei á frente do seu brilhante estado maior, o aspecto da tribuna onde S. M., o governo, a côrte, a municipalidade, o corpo diplomatico, a commissão do monumento, officiaes de terra e mar, as damas, os convidados enfim, tamanho brilho davam á imponente solemnidade da inauguração, a agglomeração de povo

que se espalhava pela praça e pelas ruas proximas, e por fim o ar marcial das tropas da guarnição que em numero de 5.000 homens desfilaram pelo centro da cidade, tudo isso tornou para sempre memoravel esse dia, em que a patria portugueza pagou á memoria de um dos seus filhos mais illustres uma divida que desde a sua morte estava em aberto.

O *Brasil-Portugal* consagra algumas paginas a esse acontecimento capital e associa-se do coração a essa grandiosa e eloquente homenagem, como se associará de futuro a quantas tenham por fim pôr em relevo, e em flagrante evidencia, as personalidades illustres que nas letras, nas armas, nas artes e nas sciencias, dão realce e prestigio ao nome sagrado da nossa querida patria.



O Marechal Duque de Saldanha

Nasceu a 17-11-1790 † a 27-11-1876

Politica internacional

Os tres acontecimentos sensacionaes da passada quinzena foram: a visita de Eduardo VII a Berlim, a queda do grão-visir Kiamil Pachá e a assignatura do accordo franco-allemao a respeito de Marrocos. Vamos referir-nos a estes successos, em grande parte inesperados, começando pelo ultimo por o considerarmos como o mais importante.

O accordo que acaba de ser assignado em Berlim entre o sr. Cambon, embaixador da republica franceza, e o sr. de Schoen, secretario imperial dos negocios estrangeiros, não é um tratado propriamente dito, porisso que nada novo acrescenta ao estatuido na conferencia de Algeciras. Deve antes considerar-se como uma «declaração» dos dois governos com relação á politica que estão dispostos a seguir na questão marroquina. E sob este ponto de vista occorre perguntar

systema da ameaça lhe não produzia o resultado desejado, contribuindo pelo contrario para tornar mais solido o laço que prendia as duas nações, tentou o processo da intriga diplomatica, de que as revelações contidas na entrevista do *Daily Telegraph* são perfeito typo. Não conseguindo ainda por este lado vér realizado o seu empenho, ensaiará agora a diplomacia allemã o terceiro meio para separar a França da Inglaterra, promettendo á republica uma reconciliação, que, emquanto a nós, só tem o inconveniente de estar tão proxima do incidente dos desertores de Casa Branca? Oxalá! que não seja as-



Ultimo retrato do marechal Duque de Saldanha
(Foi tirado em Londres)



Retrato do marechal Duque de Saldanha existente
no quartel do Regimento n.º 1 d'Infantaria da Rainha

que utilidade póde ter a nova declaração, que decerto não possui maior solemnidade do que o compromisso de Algeciras, tomado conjuntamente por quasi todas as potencias. Em todo o caso se não tem em si grande valor, tambem não deve prejudicar. Pelo contrario. Insignificante, quasi desnecessaria pela «lórma», tem grande importancia pelo «fundo», ou antes pela tendencia que revela, e é esta a razão porque tão entusiasticamente foi saudada por todas as chancellarias, que na approximação dos dois paizes viram o innegavel indício de novas garantias de paz. Effectivamente o simples facto de a França e a Allemanha concordarem em amigavelmente resolver todos os incidentes a que a malfadada questão de Marrocos póde de futuro dar lugar, significa ter sido supprimido um perigoso germen de perturbação na politica internacional. E se o accordo feito a proposito de Marrocos poder estender-se a outras questões, como é provavel que aconteça, a paz do mundo só tem n'isso a lucrar.

Sempre n'estas revistas sustentámos a opinião de que um accordo duradouro entre a França e a Allemanha, apesar do tratado de Francfort, é possível; pois, a não ser os motivos de ordem sentimental, não ha actualmente interesses de outra ordem, que fundamentalmente dividam os dois povos. Tudo está em saber até que ponto é decisiva esta nova reviravolta da Allemanha, e se ella amanhã nos não prepara qualquer triste surpresa. Desde que se tornou publica a *entente cordiale* entre a França e a Inglaterra, o unico empenho da Allemanha foi procurar rompê-la. Para isso não hesitou por duas vezes quasi que em provocar uma guerra. Como, porém, se convenceu que o

sim. Mas se o fór, e a França resistir agora ás blandicies como resistiu ás ameaças? Voltar-se-ha ao primitivo estado das relações entre os dois paizes? Não ha duvida que com a presente «declaração» a Allemanha recua. Desinteressa-se completamente da questão politica no imperio marroquino (consentindo implicitamente na occupação franceza), contanto que lhe sejam respeitados os seus interesses commerciaes com uma larga politica de «porta aberta». Mas esta era a situação exactissima que lhe tinha sido creada pelo tratado anglo-franco-hespanhol, contra o qual tão indignado protestou o governo de Berlim, por occasião da viagem do Kaiser a Tanger. Não se percebe, pois, como póde ser agora objecto de uma reconciliação o que até agora era tido como inaceitavel.

Misterio profundo da diplomacia das grandes potencias, inacessivel ao intellecto do commum dos mortaes. Em summa o futuro, e não muito afastado, dirá o que está dentro da famosa declaração. Se ella significa apenas que a Allemanha, reconhecendo o errado caminho que estava trilhando, até para os seus interesses, se resolveu afinal a pôr o seu grande prestigio e a sua grande força ao serviço da causa da paz, só temos que nos felicitar pela deliberação do governo de Berlim. *Never too late to mend!*



Bastão do marechal Duque de Saldanha, legado por este no seu testamento ao Regimento de Infantaria n.º 1.

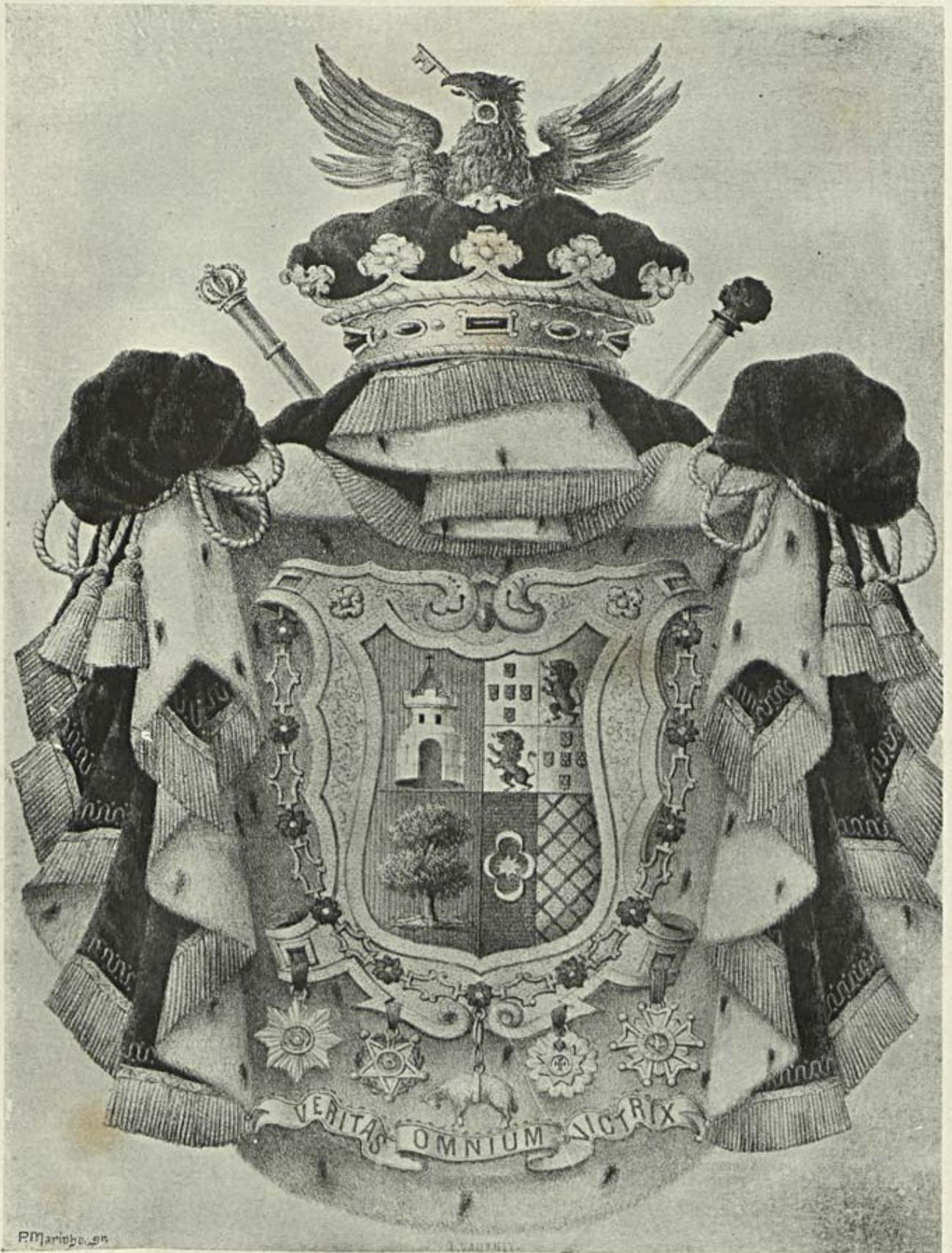
(Existe no gabinete do commandante)

probabilidades uma visita da familia real ingleza á Allemanha. Mas, ou porque o rei Eduardo tenha verdadeiramente a peito propiciar o seu irrequeto sobrinho, vendo no crescente nervosismo d'este um serio perigo para a paz, ou porque o governo liberal, sob a pressão dos seus elementos radicaes, persista na intenção de promover a todo o custo a approximação dos dois imperios, esperando d'esta approximação poder alcançar o desejado limite dos armamentos, o certo é que contra o que muitos prophetisavam a visita se realizou e muito mais depressa do que todos imaginavam. No dizer dos chronistas e como acontece sempre em casos analogos... nas correspondencias dos jornaes, o encontro dos dois monarchas foi o mais possível affectuoso, carinhoso mesmo. A imprensa dos dois paizes, ao principio reservada e retrahida, acabou

por enumerar as vantagens que para a paz da Europa não de advir da entrevista, e até se chegou a escrever, parece que com toda a seriedade, que a rivalidade dos dois paizes tinha acabado e que de hoje em diante questão alguma de interesse os poderia separar.

Infelizmente a critica d'estas ingenuas expansões — ou d'estas refinadas hypocrisias — acabam de fazel-a as agencias telegraphicas com a noticia em que se dá conta do que mesmo agora se passou no parlamento britannico, já depois da volta de Eduardo VII á sua capital: «O sr. Beyles, deputado liberal, perguntou hontem na camara se a visita do rei Eduardo a Berlim conseguiu estabelecer um accordo

entre a Inglaterra e a Allemanha para a redução dos armamentos. O sr. Asquith respondeu o seguinte:— Sei que o governo allemão, e elle proprio nol-o declarou, cumpre o programma que estabeleceu e que julga indispensavel ás suas necessidades, sem influencia alguma do programma inglez. O governo allemão é de parecer que nós adoptemos as medidas que julgarmos convenientes para salvaguarda dos nossos interesses. Não houve, pois, accordo algum em Berlim. Espero, no entanto, que a recente visita de sua magestade demonstrasse que o augmento de despezas da marinha não obedece a qualquer dissentimento entre os dois paizes.»



Brasão d'armas do Marechal Duque de Saldanha

É ao mesmo tempo que no parlamento o chefe do governo inglez faz esta declaração, por demais significativa, o almirantado, por decisão do gabinete, manda proceder à construcção de cinco novos couraçados do typo *Dreadnought*. . . Quer dizer, não só na entrevista de Berlim se não conseguiu o que os radicaes inglezes tinham em mira, aconselhando-a, isto é, a redução dos armamentos, que lhes teria deixado disponíveis no orçamento alguns milhões para promover as reformas economicas e sociaes do seu programma, mas é o proprio ministerio que, ordenando a construcção dos novos couraçados, vae neutralisar o pacificador effeito do encontro dos dois monarchas! Não verão esta singular situação os dirigentes dos dois paizes, a começar pelo proprio rei Eduardo, que não temos razões para suppôr que

gemonia dos mares. A Allemanha, por mais que ella affirme o contrario, aspira a exercer pelo seu lado o primado maritimo. Como pôdem as duas ambições conciliar-se? A Inglaterra tem ainda hoje a maior esquadra mercante do mundo. A Allemanha vae todos os dias encurtando a distancia, que separa sob este ponto de vista as duas nações. Como pôde qualquer d'ellas ceder o passo á rival? A Inglaterra é possuidora da maior esquadra de combate. A Allemanha todos os dias alarga o seu programma naval, para tornar impossivel á Grã-Bretanha a manutenção do *two powers standard*? Como pôdem viver em paz estas oppostas pretensões? A industria da Inglaterra, que foi a primeira do mundo, está hoje sendo batida em toda a parte pela industria allemã. Como hão de as duas viver em harmo-



O monumento ao Marechal Duque de Saldanha inaugurado em 18-2-1909

não seja um devotado amigo da paz? Veem-n'a decerto; mas mais poderosa do que a vontade dos homens — suppondo mesmo que a boa vontade exista de parte a parte — está a força incontrastavel dos acontecimentos.

Pôdem os dois soberanos, os seus respectivos ministros e todos os jornalistas que d'elles recebem inspiração, declarar e acreditar mesmo que pelo facto do encontro de Berlim acabou a rivalidade da Inglaterra e da Allemanha. Essa rivalidade que é profunda, e que tem as suas raizes na evolução convergente das duas nações, ha-de continuar a subsistir, agravando-se pelo contrario cada vez mais, á medida que os interesses de ambas mais intensamente collidirem. E esses interesses, já tivemos occasião de por mais de uma vez o demonstrar, são irremediavelmente antagonicos; não ha harmonisação possivel entre elles.

A Inglaterra tem, segundo ella julga, por direito historico, a he-

nia, se os progressos de uma representam a ruina da outra? E até colonialmente a Allemanha se apresenta disputando o poderio da Inglaterra. Que paz pôde haver, pois, entre ellas?

Ora este conflicto de interesses, profundo, organico por assim dizer, é d'aquelles que não se resolvem por tratados nem por entrevistas de monarchas, por mais affectuosas que ellas sejam. Tem fatalmente de se resolver pela força, a menos que uma das nações rivaes não mude a sua orientação, o que equivaleria a modificar radicalmente a propria natureza. Semelhantes transformações, porém, são até hoje sem exemplo. Porisso, e não obstante todas as declarações optimistas, persistimos em acreditar que o estado das relações entre a Inglaterra e a Allemanha não foi fundamentalmente modificado pela visita de Berlim.



(Cliché de J. Benoitel).

Inauguração do monumento ao Marechal Duque de Saldanha
Aspecto das tribunas

Um dito do condestavel

Tendo-se recolhido ao Convento do Carmo, que fundou com seus bens e esmolas de muitas pessoas, e sendo D. Nuno Alvares Pereira já de avançada idade, aconteceu, que, estando em uma das janellas que deitam para o Rocio, em companhia de outros cavalleiros, disse um d'elles :

— Ainda me recordo do vosso esforço, grande cavalleiro, e vejo, que, se não fôra a vossa idade, deitarieis a vossa lança ainda além d'esta praça — no que elle respondeu :

— Não seria isso de grande vantagem; mas, sendo preciso, ainda metteria uma lança em Africa.

N. B. — Tempo depois, El-Rei D. João I, na tomada de Ceuta aos moiros, ainda o achou a seu lado, como guerreiro e soldado.



(Cliché de A. C. Lima).

Inauguração do monumento ao Marechal Duque de Saldanha
El-Rei e o seu estado-maior chegando à tribuna



(Fiche de A. C. Lima).

Inauguração do monumento ao Marechal Duque de Saldanha
El-Rei ouvindo ler o discurso da inauguração

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

Em quarta-feira de cinzas. Lisboa dorme a somno solto apoz tres dias de semsaboria e mau gosto. Considerações que o aspecto da cidade suggere. O que o Carnaval foi e o que é. Os bailes, as recitas, as cavalgadas de ha annos. O deprimente espectáculo de hoje.

Quarta feira de cinzas.

São oito horas da manhã, uma lindissima manhã de primavera, clara, limpida, sem um farrapo de nuvem no firmamento, sem uma gaze de neblina na atmosphaera, o céu de um azul purissimo, o sol rutilando acariciador. Saio de casa e a minha rua dá-me a impressão de um deserto. Dir-se-hia um arruamento de cemiterio. Tudo fechado. As vidraças dos predios corridas, as portas de madeira cerradas. Toda a minha visinhança dorme. N'um percurso de cem passos apenas encontro um moço de padeiro, curvado sobre o seu gigo, escolhendo pãesinhos para o almoço de alguém que ainda dorme. Não sei porque, occorre-me esta interrogação: para que se levantou aquelle padeiro tão cedo?



(Fiche de J. Benelli-1).

Inauguração do monumento ao Marechal Duque de Saldanha
Aspecto do local no momento solemne da inauguração



71
Benetton

Citadé de J. Benetton.

Inauguração do monumento ao Marechal Duque de Saldanha. — El-Rei descendo do pavilhão para inaugurar o monumento



Inauguração do monumento ao Marechal Duque de Saldanha

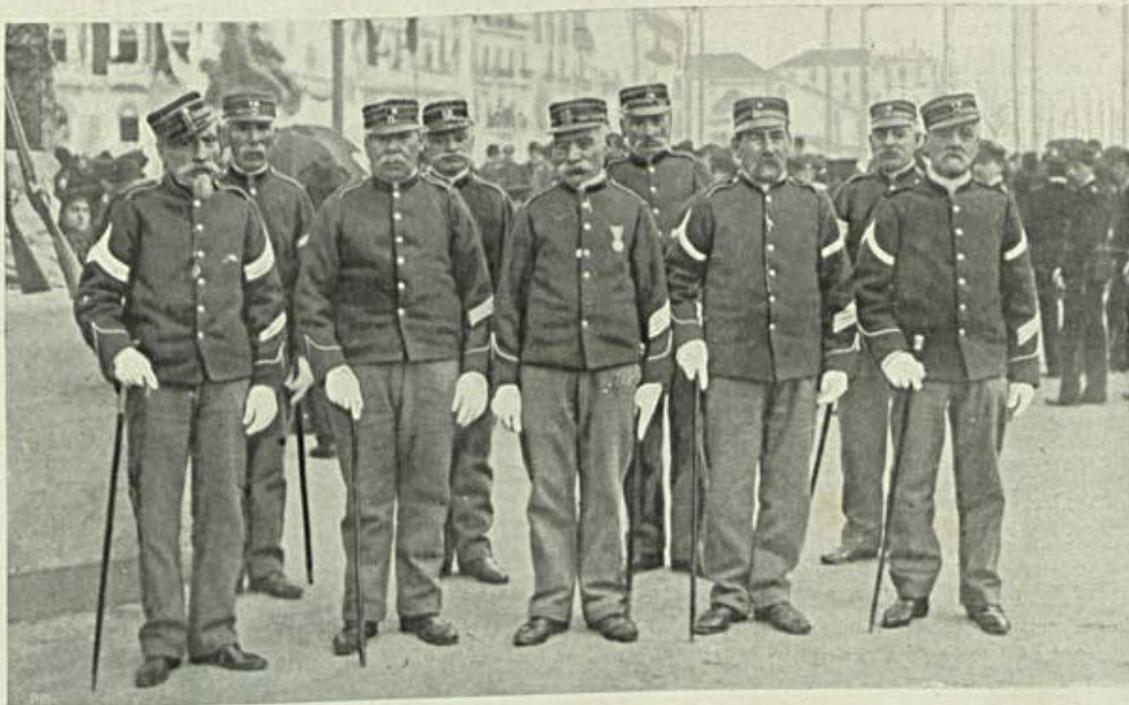
Os representantes da família do glorioso marechal que assistiram à solemnidade

Lisboa, a doidivanas, Lisboa a futil dorme, estirada na cama, o dominó de setim amarrado sobre uma cadeira, a mascara a um canto junto de umas botas enlameadas. Lisboa dorme de papo ao ar, pesadamente, a cabelleira embranquecida pelos pós de gomma, a concha das orelhas salpicada de papelinhos. Na sua face livida lê-se o cansaço de tres dias e tres noites de desenfreada folia: os seus labios descorados entreabrem-se para dizer coisas incoherentes. Lisboa sonha ainda com esse outro sonho que durante trezentos e sessenta e dois dias resume uma das suas maiores aspirações. O Carnaval: sonha uma realidade — que realmente teve o seu termo, o culto do Deus Momo. E por isso o seu somno é angustiado e Lisboa dá voltas na cama, enrodilha a roupa, atira a almofada para o chão, deita uma perna fóra do leito. Lisboa soffre, coitada, dois martyrios: a saudade da folia e a má digestão de uma ceia Rasga-lhe o coração o espinho da saudade, derranca-lhe o estomago a asia do carrascão.

Oito horas e meia...

Lá vem um... Gola levantada, mãos nas algibeiras, busto curvado. Tosse. Desce a aba do chapéu, para que a luz gloriosa d'este esplendido dia não fira os seus olhos estremunhados de noctívago. O seu andar é incerto. Tem um ar de fadiga, de tédio e de angustia. Parece não ser d'este mundo. Por certo, a ultima badalada da meia noite de terça feira empurrou-o para fóra da vida, da unica vida que desejaría viver. Para onde irá elle?... Nem elle sabe. Dormir, talvez. Ah! queria dormir muito, muito, tanto que só acordasse para o anno, ao som das primeiras guiseiras, aos guinchos do primeiro mascarado, ao ruido do primeiro baile... para voltar a viver.

A que horas acordará hoje toda esta gente? Certamente muito tarde. Pois se os funcionarios a quem a ex.^{ma} camara municipal incumbe da limpeza da via publica ainda não appareceram, elles



Inauguração do monumento ao Marechal Duque de Saldanha

(Fotografia de A. C. Lima).

Grupo de veteranos que acompanharam Saldanha nas suas campanhas e que assistiram à inauguração do monumento

que ás duas horas da noite são pontualísimos, de vassoura em punho!

As ruas estão peçadas de papeluchos multicores, de pós, de tremoçada. A's portas dos predios columnas de caixotes de lixo esperam que as carroças do sr. arrematante das immundicies — quantas



Reunião politica em casa do sr. conselheiro Ferreira do Amaral

Os amigos politicos do ex-presidente do conselho

Clicê de A. C. Lima).

maneiras de viver ha, Deus de misericordia! — venham receber o seu fetido conteudo.

E ninguem sabe a que horas começará a exercer-se a limpeza publica, porque ninguem sabe a que horas recommençará a vida normal n'esta terra onde ás oito horas e meia da manhã se dorme a somno solto e onde ás oito horas e meia da noite todos clamam contra a desgraça a que tudo isto chegou. . pela incuria e malfetorias dos governos.

Como se integrou o Carnaval na civilização christã? Como subsistiu esse detricto das saturnaes romanas, atravessando seculos, orgiaco e folião, hallucinado de vinho e luxuria, atroando os ares com as suas guiseiras de bobo, com a sua gargalhada alvar de inconsciente, impudico e irreverente, abrindo com a sua subita e insolita apparição uma solução de continuidade na vida pacata e progressiva dos povos?

Não sei e o leitor naturalmente ignora como eu as razões (que deviam ser de cabo de esquadra) justificativas da adopção de tão tresloucada costumeira. Nem isso, valha a verdade, nos importa.

Mas, meu querido amigo e socio d'estas palestras quinzenaes, diga-me: — a admitir o Carnaval, que não é um producto da nossa civilização, v. ex.^a não o desejaria tal qual elle era, uma orgia, em vez d'esta esfarrapada e tropega exhibição, que é o attestado mais triste da nossa decadencia?

Aqui para nós, que ninguem nos ouve, entre uma orgia romana, com todos os matadores, e uma cégada da Ribeira Nova ou um baile de mascaras barato vae uma differença enorme... a favor dos pagãos.

Eu sei que v. ex.^a vae dizer-me que nós civilisamos o Carnaval aqui ha umas dezenas de annos, e que as mascaradas de então foram o regalo dos nossos olhos, os bailes de então foram de tal sumptuosidade e esplendor que ainda hoje são o pasmo de quem ouve seus relatos, que transformamos uma saturnal n'um fino e elegante passatempo, risonho e amavel, perfumado e quasi candido, brilhante e esthetico. Escusa v. ex.^a de fazer esforços de memoria para me citar épocas, carnavaes memoraveis, nomes illustres de pessoas que esbanjaram loucamente contos de réis em festas principescas d'um inexcédível bom gosto: bailes, recitas, cavalgadas... Eu sei, eu sei, ainda conservo uma reminiscencia d'esse passado saudoso. Mas sei tambem que já lá vae tudo isso, porque tudo isso desapareceu com uma casta privilegiada — a aristocracia de sangue, que era, simultaneamente, a aristocracia do bom gosto.

E desapareceu para que, Deus meu? Para ceder o logar á miseria que cada anno vamos presenciando mais misera, denunciando uma decadencia que, ai de nós! não contende só com o bom gosto refreido de que demos tantas e tão marcadas provas, porque chega a affectar o nosso brio de gente dita civilizada.

A'parte o costumado baile infantil de segunda-feira gorda no theatro de D. Maria, que foi, não ha duvida,

uma festa encantadora, direi mesmo enternecedora, o que vimos nós por essas ruas? Reles tipoiás de praça promovidas temporariamente a caleches de gala, ostentando pifias ornamentações a flores de papel e colgaduras de cretone, tripuladas por gente mais que semsaborona, triste, poupando as suas munições de batalha, não fosse alguma falhar ou cahir, mal empregada, em pessoa pouco idonea: saquinhos de chita com sementes de gallinhas, cartanagens de chocolate Ménier atulhadas de tremoço, cocottes repletas de papelinhos de cor distribuidos durante um anno ás esquinas e laboriosamente cortados aos serões, de mistura com pequeninos seixos apanhados pacientemente durante o verão em Algés, no Dafundo e na Cruz Quebrada «para a gente reinar no entrudo.»

As proprias danças populares, que offerecem por vezes, um certo interesse, por causa dos descantes, nunca appareceram tão miseraveis e, pela primeira vez, foram infames, dadas as exhibições que os seus promotores se permittiram e a policia prohibiu. Não vem para aqui referir o que isso foi: para vergonha nossa basta o relato opportunamente feito pela imprensa diaria. Mas convem frisar que como symptoma de bestialidade e perversidade nada se poderia imaginar tão completo.

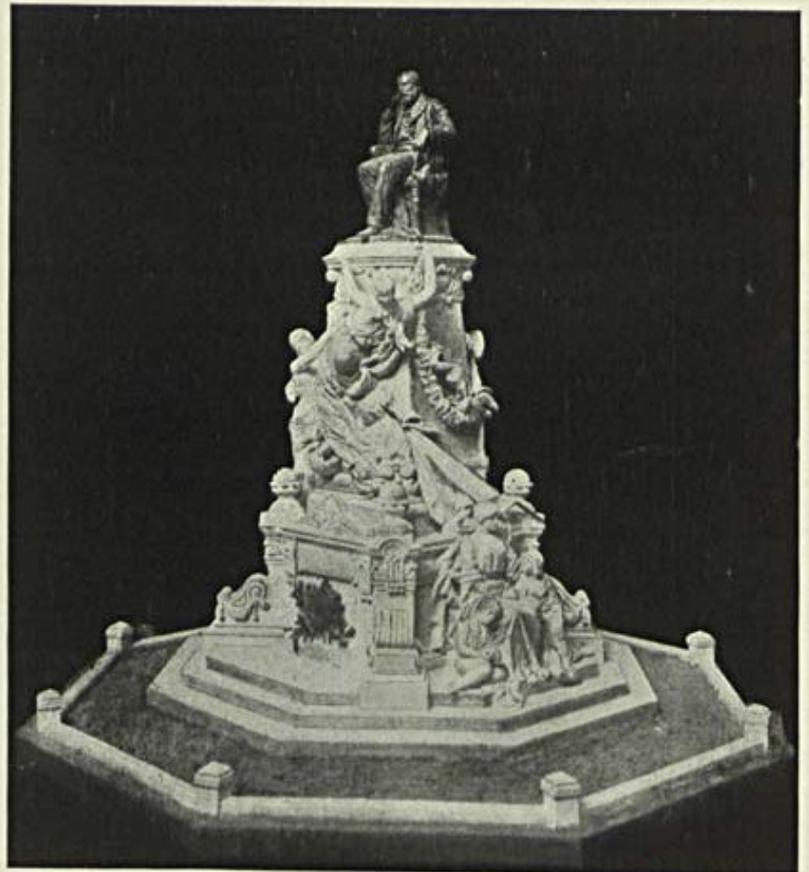
Nos theatros o mesmo ou peor. Em S. Carlos iam cegando um artista e queimaram outro, interrompendo-se o espectáculo. No Principe Real, umas damas muito elegantes e muito selvagens partiram-me uma luneta e não me vasaram um olho porque Deus sabe a falta que elle me faria. Não sei ao certo o que essas senhoras me atiraram porque sahi immediatamente da sala, mas ou foi uma pedra ou o coração de uma de suas excellencias.

...E lembrar-se a gente que foi para illuminar isto que este acariante sol nasceu e que por causa d'isto temos de andar com todas as precauções pela rua, não vá dar na tina ao demonio fazer-nos escorregar nas immundicies que pejam a via publica, despojos gloriosos de uma batalha que a semsaboria ganhou e o nosso mau gosto lançou, infelizmente, no activo da sua conta corrente.

CAMARA LIMA.

A mulher é um labyrintho, onde, ao lado de atalhos cheios de cardos, contrástam caminhos cobertos de flores: — uns férem os incautos; outros corôam de ventura os prudentes.

- E' pelos dentes que eu conheço a idade de um frango,
— Mas os frangãos não tem dentes,
— Não; mas tenho-os eu.



Projecto d'um monumento a João de Deus

(Do escultor Moreira Rato)

Ah, ah, ah, D. José! ^(a)

O Saldanha quer ser rei;
A mulher quer ser rainha;
Mas não de ir governar
Nos aloques da Biquinha ⁽¹⁾

Ah, ah, ah, D. José ⁽²⁾
Caramba, mire usté!

O Saldanha já mandou
Suas tropas retirar,
Porque tem medo da fome
E a palha está-se a acabar ⁽³⁾

Às portas da capital
Está um chafariz de vidro;
Onde o Cabral vae chorar
Lágrimas de arrependido ⁽⁴⁾

Já lá vem o inglez
Das portas de Santarem,
De preparar os pasteis,
Mas pasteis não nos convem. ⁽⁵⁾

Ah, ah, ah, D. José
Caramba, mire usté!

Já lá vae para Hespanha
A divisão do Casal; ⁽⁶⁾
Deus a leve em boa hora,
Que não volte a Portugal

A rainha não conhece
O seu povo verdadeiro,
Só conhece os Cabraes
Que nos roubam o dinheiro.

(a) Os versos que seguem, allusão aos factos políticos de 1846-1847, foram cantados com a musica d'uma velha canção hespanhola trazida para Portugal no tempo da Guerra Peninsular.

(1) Aloques eram uns tanques de curtir sola, que depois serviram para depositos de immundicies, na cidade do Porto, na rua da Biquinha, hoje substituida pela rua Mousinho da Silveira.

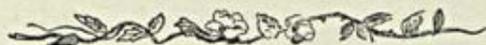
(2) O general D. José de la Concha, marquez del Duero, commandante da divisão hespanhola que entrou em Portugal em 1847.

(3) Ambiguidade pittoresca referente á cavallaria.

(4) Refere-se á legação e esquadra ingleza.

(5) Refere-se á intervenção diplomatica ingleza que propunha um ministerio mixto para conciliar as facções politicas em 1847.

(6) O general conde de Casal que em dezembro de 1847 atacou Braga.



Belleza... antiga

Poesia dedicada ao Marechal Saldanha e cantada em tempo com o hymno (com algumas variantes) constitucional de 1826.

Da patria, das leis,
Leal defensor
Foi sempre Saldanha
Dos lusos amor.

Da patria, Saldanha
firme campeão,
E' livre por elle
A lusa nação.

Saldanha o teu brado
Salvou Portugal
Da patria adorada
Sercis Marechal!

Só sabe Saldanha
Invicto sem par,
Dos lusos heroes
A gloria imitar.

LÄNGTAN

A. Affonso Lopes Vieira

Le längtan, ce n'est pas seulement la langueur ou nous plonge le souvenir d'un bien perdu, l'attente d'un bonheur qui tarde. Ce n'est pas seulement la nostalgie d'un coeur «qui meurt de ne pouvoir nommer ce qu'il adore.» C'est encore et surtout le désir qui nous porte à sortir de nous-mêmes et la volupté mélancolique d'en mesurer l'impuissance.

Längtan, s'écriera un des poètes les plus suédois «Längtan s'appelle mon heritage et mon chateau dans les vallées du soupir!»

ANDRÉ BRILLESQV.

Ouvi que a dôr roçara a aza fria e escura
Na sua mocidade ardente e descuidada;
Que soubera soffrer serena e dedicada,
E de crepes cobrir a rara formusura.

E, como hei chorado a erma desventura
Da minha solidão, vasia e apagada,
Sob as cinzas do sonho, olhei a madrugada
Nas trevas d'esse olhar de luz brilhante e pura.

Voltei-me para lá qual planta a estiolar
Que inconsciente aspira a vibração da graça
Que lhe caia do ceu — esmola de luar.

Busquei a illusão que o coração abraça;
A saudade me resta e o goso de penar
O bem que nunca foi, o mal que já não passa.

28-XII-1908.

J. de Oliveira Simões.

ERRATA

Nas quadras do ex.^{mo} sr. Oliveira Simões — *Pôr do Sol* — que publicámos no n.º 241 d'esta Revista, ha um verso, o quarto da primeira quadra, onde se lê:

Que ao longe mostra a aura do poente

deve ler-se:

Que ao longe mostra a curva do poente

O carnaval

Julgará alguém que a folia e os enganos da epoca a que chamamos carnaval se limita a estes dias em que a alegria e os prazeres teem mais larga expansão: parece-nos que esse modo de ver não é o mais razoavel.

O carnaval está sempre em acção; as suas mascaras, os seus disfarces, a sua critica e as suas expansões clamorosas são de todo o anno, nós é que fingimos ignoral-as, cuidamos pouco em distinguil-as no meio do correr dos successos humanos!

Olhem para o campo da politica e vejam quantas mascaras afivelam alguns dos seus homens postos em evidencia pelo imprevisito dos acontecimentos.

Reparem na sciencia e admirem-a sem rasão d'algumas celebridades; assim como na arte quanto é irrisorio o applauso de tantos inconscientes erguidos pelo reclame!

Estudem as origens d'algum heroismo que o acaso levanta nos escudos para provocar as aclamações da fama, e inquiram a falacia com que tantas vezes o vicio se veste com a tunica da virtude. Encarem a heraldica dos que não justificam brasões e a gentileza de quem pouco deve á fortuna. Contemplem os enganos na dedicação, as deslealdades no amor, as intrigas da inveja aparentando justiça, e depois de tudo isto bem ponderado, digam se o meio social em que vivemos não tem uma fracção importante das intrigas, dos disfarces e das mystificações do carnaval.

Avolumam-se as distracções n'esta epoca, theatros, bailes, cavalgatas, cortejos, batalhas de flôres, tudo emfim quanto destaque a quadra dos festins que ainda teem um sabôr pagão; mas, atravez da lição dos factos e da theorica dos exemplos, que fica?...

Não o dirémos nós agora; deixamol-o á conscientissima critica dos nossos leitores. Não vimos perturbar com severas considerações a sociedade que se diverte e folga, que ri e gosa no carnaval: está no seu direito e esta vida é tão fugaz e ligeira... dois dias!...

PADRE F. J. PATRICIO.

CARNAVAL DE 1909



(Fichê de A. C. Lima).

Matinée na legação de Espanha

Entre outras assistiram as seguintes crianças: — Carlos Sortorius (S. Luiz), Angeles Lopez Roberts, Manuel Castello Melhor, The-reza Galveas, Joaquim Tancos, Adelaide Castro Pereira, Luiz Montalvo, Luiza Fayal, Victoria Perestrello, José Galveas, Luiza Anadia, Do-mingos Fayal, Rita Anadia, Thereza Gil, Luiz Osorio, Maria de Lencastre, José Ribeira Grande, Firmin Lopez Roberts, Leonor Olivaes e Manuel Tarouca.